UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / FACED
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA / EAD

Maria Beatriz Santos Guterres

PORTAS FECHADAS E FRESTAS VISLUMBRADAS:

QUANDO AS TECNOLOGIAS PROMOVEM UMA NOVA VISIBILIDADE

Porto Alegre
2010

MARIA BEATRIZ SANTOS GUTERRES

PORTAS FECHADAS E FRESTAS VISLUMBRADAS:

QUANDO AS TECNOLOGIAS PROMOVEM UMA NOVA VISIBILIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Denise Comerlato

Tutora: Eliane Gheno

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitor de Graduação: Profª: Valquíria Link Bassani
Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

A meu marido Luís Cláudio, maior e melhor companheiro nesta viagem que é a Vida. Com ele, a trajetória é bem mais bonita.

A meu padrinho Alfredo e a minha mãe Judith, diferentes mestres em diferentes vôos.

À Thais Caffarate, que voa em meu coração.

À Gabi que, certamente, se transformou em pássaro e foi voar no Céu.

AGRADECIMENTOS

Aos que abriram portas, indicaram frestas e, de alguma forma, contribuíram para que minha viagem acadêmica fosse uma trajetória de significativas aprendizagens.
Especialmente,

às desafiadoras *Mursiatans*[*] Beatriz Magdalena Corso e Íris Tempel Costa que me incentivaram a voar e me auxiliaram a inovar: referências de paixão pela Educação , dedicação e apoio . "*Obrigada! Obrigada! Obrigada!"*

à *Mursiatan* Denise Comerlato que acompanhou e orientou meus últimos vôos no curso, ofertando apoio, segurança, tranqüilidade: pela confiança depositada, pelo encantamento com a Palavra, com a Leitura do Mundo, com a Leitura da Vida.

à equipe diretiva de minha escola, pela confiança depositada e pela possibilidade de, através de seu convite, ressignificar um espaço chamado Biblioteca.

à Luciene Sobotyk, que voa, principalmente, pela trajetória da Amizade: amiga ontem, hoje e amanhã.

à Luísa Hogetop, pelo encantamento e respeito pela Vida.

à Maura Nunes, pelo carinho e sensibilidade.

à Silvia Leite Rios, pela serena amizade e pelo exemplo de Ética. Sua parceria e generosidade tornaram possível um belo trabalho em uma turma chamada CT3.

[*] De acordo com postagem intitulada " O Vôo dos Tuxirantans", no blog Interdisciplinas PEAD, Mursiatans são mestres orientadores, sábios que acompanham e incentivam seus alunos.

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

O presente estudo traz como principal referência a proposta de um trabalho com Arquiteturas Pedagógicas em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) com alunos portadores de necessidades educativas especiais (PNEE), em uma escola estadual de Porto Alegre. Apresenta o relato e análise das experiências desenvolvidas envolvendo a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação enfocando ferramentas da Web2 (blog da turma e vídeos realizados pelos alunos). Indica como objetivos principais o desenvolvimento, através das propostas feitas à turma, de competências envolvendo Investigação, Cooperação, Argumentação Oral e Leitura e Escrita. Como referenciais teóricos que sustentaram esta reflexão elencam-se, especialmente, Paulo Freire e Denise Comerlato na Educação de Jovens e Adultos, Beatriz Magdalena, Íris Tempel Costa e Rosane Aragon Nevado na Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação. Nas questões relacionadas à Inclusão, destaca a Declaração de Salamanca e Raízes Históricas da Educação Inclusiva, por Enicéia Mendes. De forma inovadora, traz os relatos, reflexões e análises em dois focos distintos: 1) nas vivências profissionais e pessoais desta acadêmica, a partir de seu ingresso na Faculdade de Pedagogia EAD, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e 2) no período de estágio curricular, realizado com uma turma de EJA. Os dois focos se entrelaçam ao longo da narrativa do trabalho e indicam que mudanças são necessárias para que os alunos consigam vivenciar um processo de aprendizagem que rompa com padrões já estabelecidos através de uma metodologia tradicional e conteudista. Salientam a necessidade de formação continuada do professor para que o mesmo participe ativamente do processo de mudança e, também, evidenciam o quanto as propostas de trabalho com Arquiteturas Pedagógicas possibilitam que os alunos demonstrem maior interesse, confiança e prazer em seu processo de construção do conhecimento. Como indicativo para futuras reflexões reforça a necessidade de análises mais detalhadas no campo da Educação Especial e Políticas de Inclusão em espaços educativos.

Palavras Chaves: EJA, Alunos Portadores de Necessidades Especiais, Tecnologias da Informação e Comunicação, Arquiteturas Pedagógicas.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 9
2 INTRODUÇÃO 11
2.1 Primeiras portas 12
2.2 Preparativos para a viagem 13
2.3 Questões de investigação 15
2.4 O que antecede o vôo 15
3 BASES TEÓRICAS PARA O PROCESSO DE "ABRIR PORTAS E VISLUMBRAR FRESTAS" 19
3.1 Uma nave chamada PEAD 22
4 RELATO E ANÁLISE 27
4.1 Reconhecendo portas e vislumbrando frestas 27
4.2 O vôo inicial e uma trajetória de imagens 31
4.3 Trabalhando pelas frestas 32
4.4 Abrindo portas para "Viver a Vida" 40
4.4.1 "Livre para navegar, indo para onde for..." 46
4.5 Frestas, vãos e portas abertas 50
4.6 Os recados de Nathália 55
4.6.1 A partida de quem fica 57
5 ABRINDO PORTAS COM O OLHAR 58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 61
7 REFERÊNCIAS 64

1 APRESENTAÇÃO

O material aqui apresentado tem como proposta o relato e análise de uma prática de estágio curricular com alunos portadores de necessidades educacionais especiais (PNEE), de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola estadual de Porto Alegre, tendo como referência principal um trabalho com Arquiteturas Pedagógicas.

Na medida em que a análise de mudanças ocorridas na turma é realizada, também estabeleço um paralelo (ou link) com transformações em minha vida profissional, pessoal e acadêmica, a partir de meu ingresso no curso Pedagogia a Distância: Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PEAD), da Faculdade de Pedagogia da UFRGS, no ano de 2006. São estas mudanças que orientaram minha caminhada durante o estágio.

Atrevo-me, então, a transgredir a formalidade esperada em um Trabalho de Conclusão de Curso: apresento um trabalho onde o que é acadêmico se entrelaça com o que é interno, informal, o meu processo, em alguns momentos, quase visceral.

Estabeleço duas linhas que indicam trajetórias: na primeira, a qual chamarei de *Foco 1*, utilizo a letra Arial. Nos capítulos apresentados com este tipo de fonte, a prática de estágio será relatada e analisada à luz de meus referenciais teóricos.

A segunda linha se refere ao *Foco 2* e será descrita com a letra *Lúcida Handwriting*. Para apresentá-la, tomo emprestadas as palavras de Caio Riter (2009, p.14) ao afirmar que *"Afinal, escrever tem um tanto de confissão e outro tanto das experiências vividas e das histórias escutadas ou lidas."* Aqui, a informalidade prevalecerá, embora, sempre associada a questões trazidas pelo outro foco.

A leitura deste trabalho poderá ser realizada linearmente através da continuidade dos capítulos sem necessidade de ater-se ao tipo de fonte ou, de outra forma, escolhendo os capítulos pelo foco apresentado através das diferentes fontes.
Optei por utilizar dois artifícios de imagens. O primeiro, relacionado ao título deste trabalho, traz referências a portas e frestas e a relação das mesmas com o *Foco 1*. No *Foco 2*, associo as imagens propostas pela letra da música Contatos Imediatos,

de Arnaldo Antunes: viagens, rotas e caminhos. Todos entrelaçados com minha história.

Como na música, *“Peço, por favor,”* que abram a porta para a leitura e estabeleçam o primeiro contato.

2 INTRODUÇÃO

Vivemos em redes. Delas necessitamos. E viver em redes é pensar coletivamente, cooperar, olhar o outro e enxergá-lo, trazê-lo para si, aprender com ele, partilhar, trocar. É conviver.

Considerando as afirmações anteriores, de que forma a utilização de tecnologias digitais pode contribuir para que professores se permitam acompanhar o processo de "aprender a pensar" e "aprender a aprender", de seus alunos? Como fugir do pensamento/ação que associa tecnologias com mera e linear pesquisa? Como promover um novo espírito de aprendizagem entre os alunos? De que forma, usando diferentes tecnologias digitais e ainda imersos em uma estrutura curricular voltada para um ensino mais tradicional, poderemos inovar e auxiliar para que a Escola se transforme em um ambiente mais amoroso, entrelaçado de conhecimentos partilhados?

MORAES (2002, p.10) se refere à necessidade que possuímos de cultivar uma consciência bem mais evoluída, com referenciais de diferentes tipos de ecologia:

> Como humanidade, necessitamos de uma consciência ecológica renovada, de uma nova ética e isto requer o desenvolvimento de uma consciência cada vez mais evoluída. Daí a importância, de cultivar diferentes tipos de ecologia - ecologia da mente, ecologia social ou uma nova ecotecnologia favorecida com a expansão da Internet. Esta, por sua vez, poderá também transformar-se em uma nova ferramenta à serviço da fraternidade universal, à serviço da vida e não para reproduzir padrões, reconhecidamente, já falidos. A consciência ecológica tende a ser mais integradora, global e questionadora das formas de poder que sustentam as instituições e a sociedade.

Meu objetivo, ao iniciar o estágio curricular era propor aos alunos uma nova forma de utilização das tecnologias digitais. Com elas, seriam oferecidos elementos para que os alunos e seus mestres as (re)significassem. Desta forma, estariam trilhando um caminho onde a não linearidade prevalece, onde alunos e professor constroem, juntos, o que chamamos de conhecimento.

Para isso, utilizei o trabalho com Arquiteturas Pedagógicas e elenquei as seguintes competências a serem trabalhadas:

- Investigação
- Cooperação
- Argumentação Oral
- Leitura e escrita
- Utilização de Tecnologias

Nesse processo encontrei portas e janelas de vários tamanhos, texturas, cheiros e cores. Algumas abertas, outras não. Algumas como uma promessa, uma possibilidade: pequenas frestas. Este trabalho de conclusão relata o processo vivenciado em meu estágio, como uma pesquisa em ação, analisando os desafios encontrados, os caminhos perseguidos e avanços conquistados.

2.1 Primeiras portas

Embora acreditasse que meu estágio seria realizado em serviço (na turma em que atuava profissionalmente) tal fato não se configurou. A negativa inicial da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre para que professoras de sua rede permanecessem com suas turmas e realizassem estágios com as mesmas foi a primeira porta a se fechar e indicar que uma outra precisaria se abrir com um novo caminho. Ao perceber que a recusa inviabilizava planos já realizados com minha turma, na escola especial onde atuo, iniciei a busca por uma escola que me acolhesse em turno contrário aos de meu trabalho. Portanto, meu estágio seria realizado no turno da noite, certamente, com alunos de EJA em uma escola estadual regular.

Em meu wiki de reflexões[1] relato de que forma uma nova porta se abriu e como e onde consegui realizar o estágio. Abaixo, alguns recortes do relato:

"...Pesquisando na Internet, descubro existir outra escola estadual não tão longe de minha casa. (...)sou atendida pela vice diretora da manhã, que é muito receptiva à minha solicitação. Pede que eu retome o contato no início de março, para conversar com Diretora da Escola e vice-diretora do Noturno.

[1] http:// chega.pbworks.com

(..) No início de março, retomo o contato com a escola (...):para a vice da noite que me informa duas coisas:

O EJA noturno é de inclusão, todos os alunos são especiais. Embora não seja critério, gostariam de estagiária que "soubesse trabalhar com essa clientela". Pelos deuses! Pois era eu, a criatura! Tratei de informar que:

- Sou professora há muito tempo. (...), um tempo é com Educação especial. - Sou estagiária da UFRGS. Estagiária já professora, como informara. Com experiência. Querendo saber se a escola possuía Laboratório de Informática PARA OS ALUNOS. "Tem? Ótimo! Vamos precisar..."

A vice da manhã concordava, a vice da noite, também, a diretora aceitava meu estágio, mas quem decidiria mesmo seria uma das duas professoras do EJA noturno. Caso, contrário, nada feito. Conversariam com as duas e , se uma concordasse, levaria o prêmio: eu! Fiquei pensado que o "artigo" mais precioso do mundo é o bom-humor. Combinei de aguardar uma resposta.

Na noite deste mesmo dia a escola liga para minha casa e confirma: "tudo ok, Maria Beatriz! Seja bem vinda!".

2.2 Preparativos para a viagem

O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca..

Paulo Freire

Observo pelo retângulo envidraçado da porta e, rapidamente, sinalizo que cheguei. Na pequena sala de trabalho, minha orientadora inicia o movimento de despedida com a pessoa que a acompanhava. A porta se abre, recebo um caloroso abraço e sou convidada a fazer uma das coisas das quais mais gosto: falar e contar

Meu interesse esta em compartilhar idéias sobre o trabalho de conclusão de curso e buscar formas de estruturá-lo. A idéia de usar tempos, modos e espaços diferentes me acompanha.

Não tão rapidamente começo a contar quais minhas relações com a Tecnologia antes e depois do curso. Ao ser convidada para usar o computador linko a página do blog de minha escola e mostro a foto de uma aluna que representa uma das várias histórias de superação ocorridas no lugar onde trabalho. Ao trazer parte de sua história e uma das tentativas de valorizar seus progressos relato, também, a possibilidade que um convite realizado através de uma rede virtual tem de realizar transformações. A aluna em questão será chamada de Cora.

Mas a conversa e orientações rendem bastante. Enquanto minha orientadora lê em voz alta o capítulo que eu levara, penso em como organizar tantas idéias de construção do trabalho. Neste exato momento ela me aconselha a melhor organizar a estrutura do que imagino fazer.

Acredito que, nesta manhã, ao conversarmos um pouco mais do que já haviamos feito anteriormente estabelecemos, de maneira mais enfática, um silencioso compromisso: de trilharmos juntas este período de conclusão. De formas diferentes, é verdade, mas com disposição e confiança. Minhas dúvidas foram recebidas e trabalhadas. Ao despedir-me e dirigir-me a um dos elevadores, me dou conta de algo curioso: na conversa eu trouxera um fato pouco comentado por mim: meu primeiro e significativo contato com a Tecnologia e no que ela pôde me auxiliar. A curiosidade de minha orientadora se manifestou com o comentário "ah, então não eras assim, tão voltada para esse tema, antes (do PEAD)?...". Não, não era.

2.3 Questões de investigação

- De que forma o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) promoveu mudanças em alunos portadores de necessidades especiais em uma turma de EJA ?
- *Quais mudanças observadas em uma aluna-professora de um curso EAD, com ênfase em TICs?*

2.4 O que antecede o vôo

> *A noção do passado é formada passo a passo, através das vivências das crianças. A construção do passado se dá no momento em que a criança tem a percepção do seu próprio eu e inicia a construção de sua própria identidade. (CASTELLAR, 1996)*

Em todos os momentos em que sou convidada a voltar ao passado e trazer lembranças significativas e que, de alguma forma, justifiquem meu direcionamento atual, uma afirmação antecede a qualquer outra: "Sou professora.."

Entre outras coisas, a curiosidade de uma criança, as respostas e acompanhamentos recebidos, as diferentes histórias que se entrelaçaram com a sua foram elementos importantes em uma trajetória ainda em execução.

Realizadas estas considerações iniciais, me apresento: Sou professora e trabalho em uma escola especial do município de Porto Alegre, com crianças e adolescentes com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

Acredito que necessitamos acompanhar nosso aluno, conhecer suas histórias, mediar, propor, dialogar, escutar, enxergar...

Ao ouvir a música "Contato Imediato", de Arnaldo Antunes, pela primeira vez, imaginei que o personagem da canção convida o piloto do disco voador para que o leve deste mundo real, que o transporte através dos sonhos, quem sabe...

"Peço, por favor
Se alguém de longe me escutar
Que venha aqui pra me buscar
Me leve para passear"
"No seu disco voador
Como um enorme carrossel
Atravessando o azul do céu
Até pousar no meu quintal"

Meus alunos são autistas e psicóticos. Alguns possuem outras síndromes associadas ao Autismo e Psicose. Muitos deles, por características da doença mental, têm a tendência a se isolar, de fugir dos grupos sociais.

E é por aí que meu trabalho começa: com tentativas de resgate.

O primeiro resgate se dá ao darmos atenção ao grupo mais fragilizado neste contexto: a família. É através da escuta dos familiares, das suas histórias de vida, de seus medos, desejos, metas a serem alcançadas, metas sonhadas, mas impossíveis de

serem realizadas que vamos conhecendo nossos alunos e suas histórias. Este é um trabalho chamado Cartografia do Aluno.

O segundo resgate é o do dia-a-dia: a tendência de certos alunos é a de isolamento. Procuram um determinado espaço e ali tentam permanecer, muitas vezes, se recusando a interagir com professores e colegas. Nossa tarefa (a dos professores) se entrelaça com a crença de que somos "pilotos dos discos voadores" e que ali estamos para cutucar, desafiar, desestabilizar certos rituais. Tentamos levar nossos alunos para um outro lugar, longe de onde procuram estar ou de onde conseguem ficar. (Mas, com certeza, muito próximo da realidade social predominante).

Vem me levar
Para um lugar
Longe daqui
Livre para navegar
No espaço sideral

Novamente retomo os versos cantados por Arnaldo Antunes: e se o espaço sideral for o nosso dia-a-dia? E, se o "lugar longe daqui", se referisse a uma outra possibilidade de interação, um vislumbre de reconhecimento de seu corpo, de seus gestos e de suas relações com o outro? Então, certamente, posso me considerar como um piloto de um disco voador, desejoso de entrelaçar meus dedos nas mãos da figura que me espera.

Mas saberei o caminho a traçar com meu disco voador? Sei todas as rotas, as condições climáticas favoráveis? Sei viajar no tempo possibilitando que meu aluno faça uma viagem segura?

O trabalho com alunos portadores de necessidades especiais é constituído de muitas viagens, muitos pontos de partida e chegada, perdas, ganhos e rotas não lineares.

Trabalhar com Tecnologias e toda a gama de possibilidades que as mesmas oferecem é viajar no tempo e no espaço, com rotas lineares ou, não.

Portanto, peço, por favor, permissão para realizar um vôo inicial...

3 BASES TEÓRICAS PARA O PROCESSO DE “ABRIR PORTAS E VISLUMBRAR FRESTAS”

Segundo COMERLATO (1998.p.125) ao falarmos de Educação de Jovens e Adultos, estamos falando de exclusão em diferentes aspectos: econômico, social, cultural, político e educacional. Da mesma forma, é reconhecer os esforços das classes populares na garantia, acesso e permanência na escola e, também, na garantia e acesso ao conhecimento formal.

Em seu artigo *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*, OLIVEIRA (1999) chama a atenção para as especificidades dos alunos da EJA e salienta que

> [...] refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.

Ao falar de excluídos da escola, OLIVEIRA se refere a uma categoria diferente da encontrada na EJA em que assumi. Os alunos desta turma já haviam vivenciado a exclusão de diferente forma: pelo fato de serem portadores de necessidades especiais, a exclusão e a necessidade contrária, de incluir, eram muito presentes.

> [...] muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola Inclusiva [...] o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva.
> (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994,p.3)

A Educação Inclusiva é o resultado de lutas pelos direitos humanos. Refere-se ao processo de inclusão de alunos PNEE na rede regular de ensino, em suas diferentes modalidades, da Educação Infantil até a EJA.

Através de políticas, programas e ações governamentais fundamentados em legislações e normas a inclusão no ensino regular vem se configurando nos últimos anos.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) atualizaram as políticas públicas na área afirmando que a

> inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais [...] não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas...

e desenvolver seus potenciais respeitando diferenças e atendendo necessidades.
Portanto, algumas questões devem ser constantemente retomadas:

- Incluir não é, apenas, acolher.
- Instituições caracterizadas como inclusivas devem apresentar condições humanas e materiais para tal.
- O processo de inclusão não é unilateral: devem ser considerados todos os participantes deste processo: alunos PNEE e alunos não PNEE

De acordo com MENDES (2001):

> [...] ao mesmo tempo em que o ideal de inclusão se populariza, e se torna pauta de discussão obrigatória para todos interessados nos direitos dos alunos com necessidades educacionais especiais, surgem as controvérsias, menos sobre seus princípios e mais sobre as formas de efetivá-la.

Segundo Aranha (2001) a inclusão escolar:

> [...] prevê intervenções decisivas e incisivas [...] no processo de desenvolvimento do sujeito e no processo de reajuste da realidade social [...]. Portanto, “além de investir no [...] indivíduo, busca-se a criação imediata de condições que garantam o acesso e a participação da pessoa na vida comunitária, através da provisão de suportes físicos, psicológicos, sociais e instrumentais.”

Ao iniciar meu estágio tinha a clareza de que a proposta de trabalhar com Arquiteturas Pedagógicas envolveria desafios não apenas para os alunos e sua professora mas, também, para mim.

> As Arquiteturas pedagógicas pressupõem aprendizes protagonistas. Com orientação do professor, requerem-se do estudante ação e reflexão sobre experiências que contemplam na sua organização pesquisas, registros e sistematização do pensamento. O mesmo princípio se aplica aos professores, embora o âmbito de ação e reflexão seja de outra natureza. A ação dos professores tem como exigência a pesquisa, o registro e a sistematização ao planejar e avaliar as experiências de aprendizagem para seus alunos.
>
> (Carvalho, Menezes, Nevado. 2005)

A base de uma Arquitetura é configurada pelo uso das tecnologias, por uma fundamentação teórica baseada na crença construtivista de que os alunos são protagonistas de sua aprendizagem, de que ambos, professor e aluno, aprendem e constroem o seu conhecimento e por uma metodologia com o enfoque nas competências que procuramos trabalhar.

Enfocar a utilização das TICs não é abraçar apenas uma parcela do que entendemos como Educação. Trabalhar com as novas tecnologias envolve a compreensão de que uma gestão diferente de espaços e tempos deve ser realizada.

De acordo com MAGDALENA e COSTA (2003. p.21),
" ..deveríamos pensar em criar ambientes abertos a explorações e interações, onde os alunos pudessem alimentar seus interesses e curiosidades, efetuar escolhas e ter o tempo necessário para experimentações.", ambientes acolhedores que propiciem a construção e reinvenção. Portanto, o gerenciamento da sala de aula, do espaço físico também deve ser especialmente considerado. Ainda, segundo as autoras, ao citarem PIAGET, só é possível construirmos novos conhecimentos através de situações onde o confronto e a necessidade da descentração de pontos de vista se fazem necessários.

NEVADO (2001. p. 2) reforça que a Escola pode estar atenta e comprometida com as necessidades da sociedade atual se conseguir se tornar "*um local de cooperação, de abertura de discussão, de interlocução entre disciplinas e especialidades, de circulação de pessoas e saberes, na qual valoriza-se o trabalho autônomo e a coragem de enfrentar o desconhecido".*

MAGDALENA e COSTA (2002, p.106) falam da necessidade de um novo currículo, repensado a partir das mudanças de concepção sobre como ocorre a aprendizagem:

> Conceber as aprendizagens, não como acumulações de informações, mas como resultado de transformações que se operam nos indivíduos, a partir de ações e interações que trazem desafios, confrontos, conflitos, enfim, perturbações que necessitam ser superadas, implica em pensar o currículo com outras características. O currículo passa a ser entendido como uma rede interativa, em constante expansão. Disto, decorre a emergência de uma nova organização que se caracteriza por estar em permanente processo de construção, mais imprecisa e fractal, pois se constitui à medida em que a teia de eventos e processos de aprendizagem progride, em fluxos dinâmicos de trocas, análises e sínteses auto-regulativas, por patamares de relações cada vez mais amplas e complexas.

As autoras salientam que através da apropriação das Tecnologias de Informação a aprendizagem ultrapassa os tradicionais limites da sala de aula a possibilita que aluno e professor busquem e interajam com diferentes fontes de informação.

Portanto, como a voz de Lulu Santos, ao cantar a música “Como uma onda” e o título do artigo “Nada do que foi será de novo de um jeito que já foi um dia”, das autoras, nos sugerem: as mudanças fazem parte do processo e implicam em inúmeras questões. Reconhecer o processo, as mudanças, as questões e analisá-los, se faz necessário.

3.1 Uma nave chamada PEAD

Até o ano de 2006, minhas únicas experiências com tecnologias e, especialmente Internet, eram mínimas. Devido ao meu trabalho, possuía um e-mail que abria algumas vezes por semana. Quando necessitava de certo material ou da digitação de memorandos, encaminhava o trabalho a um setor designado para tal.

Em 2000, por conta, da última internação hospitalar de minha mãe e da insistência do hospital, algum tempo depois, em dar-lhe alta mesmo em condições que indicavam a necessidade de cuidados especializados, busquei auxílio e orientação através da Internet, em uma sala de bate-papo de médicos. Após a

conversa com um deles realizei, com maior segurança, todos os encaminhamentos para que minha mãe continuasse tendo o mesmo atendimento, onde estava.

Depois desse fato, não relembro qualquer outra situação marcante realizada com o uso das TICs.

No segundo semestre de 2006, fui aprovada no vestibular para professores em serviço, realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o MEC e algumas cidades próximas a Porto Alegre. Uma particularidade: o curso seria na modalidade à distância. Meu Pólo era Alvorada.

Após a aprovação no vestibular vinha a minha primeira dúvida: conseguiria fazer um curso à distância, usando as ferramentas que seriam, certamente, disponibilizadas?

Eu me autointitulava "dedógrafa bem resolvida", manifestando a inabilidade com o teclado de um computador. Nesta época eu não tinha e nem via a necessidade de possuir uma máquina fotográfica digital ou um celular com mais opções do que o simples atender e ligar.

Mesmo tendo vivenciado, anos anteriores, um momento em que o auxílio virtual foi fundamental para a resolução de um conflito eu não conseguira perceber que ali se configurara minha primeira significativa experiência com a tecnologia digital.

As ferramentas oferecidas pelo PEAD ao grupo de alunos eram o blog[2], o espaço Rede Cooperativa de Aprendizagem[3] (ROODA) e todas as suas possibilidades e o Pbwiki.[4]

---

[2] Blog é um espaço online onde o usuário responsável publica textos, artigos, imagens, sons e vídeo. De acordo com o usuário, suas publicações podem receber comentários de visitantes leitores.

[3] O ROODA é um ambiente virtual utilizado para o acesso a informações, envio de

Segundo PESSOA (2009. p.18),

> [...] um blog é interativo porque permite ampla troca entre os sujeitos, através dos comentários, o que não acontece nos sites convencionais. [...] empreendem novas formas de os indivíduos se movimentarem em suas realidades, pois estes indivíduos estão alterados pela amplidão de leituras a que têm acesso e pelas ingerências que promovem nos textos lidos.

Um dos primeiros e mais importantes textos no primeiro semestre foi a entrevista da doutora em Educação Andrea Ramal, disponibilizada no Rooda. Segundo ela, mais do que recursos sofisticados, o essencial é a qualidade das relações entre as personagens da Educação. Utilizar as tecnologias a favor de uma aprendizagem que respeite valores, diferenças e semelhanças:

> É preciso melhorar a qualidade das relações. Muitas pessoas criticam a educação a distância porque se perde o contato físico. Mas já vi inúmeras aulas presenciais que são mais distância do que muitos cursos desta modalidade. Isto porque o distanciamento entre professor e aluno é grande e o nível de afetividade é zero. Acho que a sala de aula do futuro vai ser um lugar comunicativo, o espaço da polifonia, da diversidade das vozes, onde todos poderão se comunicar, se posicionar, e onde, desse diálogo, vai se produzir conhecimento.

A partir da reflexão sobre as considerações de RAMAL, realizei meu primeiro comentário no ambiente virtual (ROODA). O que foi escrito no fórum do ROODA se tornou eco de minhas

---

textos, dados, perguntas e respostas e trocas entre seus usuários.

[4] Sistema online de conteúdo produzido coletivamente ou, não. Oferece outras possibilidades de uso como Wikipédia (enciclopédia) , Wikicionário. (dicionário).

ações durante toda a trajetória no Curso de Pedagogia,, em minha prática profissional e, especialmente em meu estágio curricular, que viria a ser realizado alguns anos depois, em 2010. Transcrevo , a seguir, a postagem:

Fórum do ROODA:
1/09/2006 21:29:43
COMENTÁRIOS SOBRE A ENTREVISTA DE ANDREA RAMAL

Chamou-me muito a atenção, esta entrevista. Lendo-a fui remetida a um tempo em que usava uniforme com saia pregueada abaixo do joelho, meias americanas brancas, sapatos pretos, camisa listrada vermelha e branca e a cruel fitinha vermelha e azul na gola. No inverno, usávamos (argh!) japona azul :eu era uma normalista no Instituto de Educação. Mas, independente das exigências do vestuário, naquela época iniciei uma trajetória que norteou minha vida profissional e pessoal.

Enquanto cursava o magistério, acompanhava, com curiosidade, o outro lado do corredor, onde estavam localizadas as turmas chamadas de Laboratório. Lembro que observávamos o vai e vem dos alunos (de primeiro grau) e ficávamos surpresas ao perceber que a sala que usavam era diferente das nossas: gravador, toca-discos, mapas, fantasias, materiais diversos disponibilizados, \"sem controle\', aos alunos. E eles corriam, iam até a Biblioteca, traziam materiais e, incrível, se divertiam! Nós estávamos sentadas em nossas classes lendo textos e aprendendo a ensinar, através das diversas Metodologias. As turmas do Laboratório aprendiam, de forma muito mais eficiente, a pesquisar, criticar, buscar soluções e enfrentar desafios.

Mas que tipo de professores trabalhava com as turmas de Laboratório? Como permitiam que os alunos ficassem em volta uns dos outros, quase subindo nas classes, enquanto procuravam pistas em um

mapa? E como conseguiam lidar com o fato de estar, em outro canto da sala, mais uma turma entretida em outra atividade como gravar diferentes vozes, por exemplo? O que nós, normalistas, fazíamos? Que tipo de professores queríamos ser? (...)

A entrevistada, através de suas observações, permitiu que eu estabelecesse um paralelo entre aquela época e o que hoje vivencio: minha nossa! Estou naquele corredor, agora do lado oposto, pesquisando, postando, criando blogs, mandando e-mails, fazendo parte de uma nova rede. E me divirto, porque estou feliz e no lugar certo.

Andrea Ramal fala em \"comunidade cooperativa de aprendizagem\". Desde o primeiro dia de nosso curso estamos vivenciando a prática deste conceito. Comentei com uma de minhas colegas, em tom de brincadeira: \"e a aula? quero aula! quero crachá!\" Pois estamos tendo aula desde o início, aprendendo a dominar minimamente as ferramentas que serão nossas companheiras pelos próximos anos. Estamos utilizando a tecnologia, visando a uma \"maior capacidade de comunicação entre as pessoas\". Compartilhamos idéias, gentilezas, ajudamos, somos ajudados...

Percebem o diferencial de nosso curso? Estamos em uma \"turma de Laboratório do meu IE\". Esta tecnologia não é FUTURO. É o PRESENTE. Através de nosso estudo, nosso trabalho, das redes que estabelecemos estaremos fazendo da afirmativa de Andrea Ramal "É preciso melhorar a qualidade das relações.", uma realidade.

4 RELATO E ANÁLISE

4.1 Reconhecendo portas e vislumbrando frestas

A escola estadual campo de meu estágio fica localizada no município de Porto Alegre e adota a política de inclusão. Atende, no noturno, classes de EJA onde a grande predominância é de alunos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais.

A turma EJA nível II, onde estagiei, possuía treze alunos com idades cronológicas variando entre 16 e 28 anos. Todos eram portadores de necessidades especiais. Em sua maioria, havia alunos com características autistas, alunos com Transtorno de Déficit de Atenção associados a outras síndromes e uma jovem portadora de paralisia cerebral.

Surgia, então, um de meus primeiros questionamentos: Haveria possibilidade de inclusão, em uma classe onde todos os alunos eram PNEE? De que forma e em que momentos estariam vivenciando um processo de inclusão com alunos não portadores de necessidades especiais?

Com apenas duas exceções, todos os outros integrantes de minha turma chegavam até a Escola e retornavam até suas casas através da utilização de transporte escolar.

O horário de aula das duas turmas iniciais de EJA (níveis I e II) era diferenciado das turmas de totalidades finais: iniciava às 18horas e encerrava às 20h50. Nos dez minutos anteriores às 21horas, meu grupo lanchava em companhia de outros alunos e permanecia no saguão, aguardando a saída. Portanto, apenas dez minutos para que os alunos especiais pudessem “vivenciar a inclusão” com alunos não PNEE, de outras turmas.

Durante o período de observação, ao conversar com o grupo, fui informada de que muitos dos alunos nunca haviam caminhado pelos arredores da escola, conhecendo ruas, comércio local e diferentes possibilidades de acesso à escola.

Ao receber da professora regente o calendário escolar, percebi que, poucos dias após o início de minha prática, a escola faria aniversário.

A idéia de conversar com os alunos e propor uma “saída a campo” começou a se formar a partir deste momento e se tornou meta durante uma atividade proposta, enquanto eu os observava: a realização de um desenho sobre a escola.

Na noite em que a atividade foi proposta, um dos alunos apresentou outro tipo de trabalho, não aceitando a solicitação da professora. Este aluno era novo na escola. Portanto, não a conhecia em sua totalidade, muito menos o seu entorno. Como produzir algo sobre o que não se conhece ou vivenciou?

FREIRE (2002, p. 67) enfatiza que:

> Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da eqüidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Tenho convicção de que o mais significativo não se encontra em uma metodologia conteudista. As vivências trazidas pelos alunos, suas necessidades e possibilidades fornecem os itens necessários para que possamos compreendê-los e, com eles, realizar o processo de aprendizagem.

Outra questão se configurava ao conhecer uma das alunas da turma. Portadora de paralisia cerebral, com graves dificuldades motoras em seu deslocamento, subia, com a ajuda da professora, dois lances de escada até chegar à sala de aula, localizada no primeiro andar. Em muitos momentos me confidenciava “hoje meus pés doem demais, profe...”. Para a professora, nada comentava. Mas, inegavelmente, sua expressão era prova e denúncia de suas dores. Como a Escola não percebia a urgente necessidade de amenizar suas dores, através da troca de sala de aula por outra, no térreo?

Em seu artigo “Educação Especial e Novas Tecnologias: O Aluno Construindo Sua Autonomia”, Teófilo Galvão Filho salienta que os alunos PNEE ao ingressarem em um sistema de educação tradicional são submetidos a interações que “reforçam uma postura de passividade diante de sua realidade, de seu meio” e, também,

> a um paradigma educacional no qual elas continuam a ser o objeto, e não o sujeito, de seus próprios processos. Paradigma esse que, ao contrário de educar para a independência, para a autonomia, para a liberdade no

> pensar e no agir, reforça esquemas de dependência e submissão. São vistas e tratadas como receptoras de informações e não como construtoras de seus próprios conhecimentos. (2001, p.24)

No período de observação da turma, realizado durante todo o mês de março, presenciei o silêncio dos alunos e a predominância de atividades de leitura e cópia no caderno. Muitas vezes, havia a manifestação da não compreensão de alguma atividade por algum aluno. Entretanto, percebi que este era considerado uma minoria e a ele restava copiar a resposta certa do quadro, quando a correção era realizada. Desta forma, todos os alunos levavam seus cadernos de volta para suas casas, com atividades realizadas corretamente. A cópia parecia ser uma espécie de atestado para os familiares: “estou produzindo e, corretamente.”.

Atividades envolvendo operações de adição e subtração de centenas eram propostas. Mas, muitos alunos demonstravam não compreender o que significa sequer uma dezena.

Paralelamente a estas observações, eu conversava com a vice-diretora do noturno sobre a necessidade de utilizar o Laboratório de Informática da escola, com os alunos. Fui informada de que o Laboratório fora reformado e que “dentro de alguns dias” seria aberto para utilização. Dois meses após esta conversa inicial, eu ainda não conseguira sequer conhecer o espaço que permanecia o tempo todo trancado.

Chamou-me a atenção o fato de que as chaves do laboratório não ficavam, como todas as outras da escola, no quadro de chaves da secretaria: eram guardadas em um cofre na sala da direção. Quem quisesse o acesso, obrigatoriamente, deveria buscar as chaves com alguém da equipe diretiva.

Alguns professores e, também, membros da equipe diretiva não conseguiam fazer a relação aprendizagem e conhecimento com uso de tecnologias. A impressão era a de que o Laboratório de Informática existia como uma espécie de conquista: “também temos este espaço”, mas, na verdade, a sua utilização em benefício dos alunos não era muito pensada e planejada.

A minha inicial pergunta a alguns professores já traçava um mapeamento do perfil daquele grupo: “Você tem e-mail? Qual é?” Muitos dos colegas não tinham sequer e-mail e mostravam dificuldades em entender seu uso na escola.

Após o período de observação da turma, sua professora e da escola como um todo, tracei algumas metas a serem alcançadas até o final de meu estágio:

Sensibilizar professora e equipe diretiva no sentido de compreenderem que:

- o uso do Laboratório de Informática e de diferentes tecnologias qualifica o desenvolvimento e aprendizagem não apenas do aluno mas, também, do professor. Para isso, é necessário, trabalhar de forma a deslocar a concepção vigente em grande parte da equipe de que o professor é o centro e responsável pela aprendizagem e os alunos, meros depositários;
- alunos com necessidades especiais como os deste grupo (alguns têm atendimento fonoaudiológico) necessitam muito de diversos referenciais de oralidade que contribuam para seu desenvolvimento . Portanto, participar de conversas, manifestar opiniões, entrevistar pessoas, observar-se em filmagens, ouvir e contar histórias é de fundamental importância;
- as atividades ofertadas aos alunos devem respeitar o contexto do grupo, as suas necessidades e serem criativas e instigantes para os mesmos;
- o espaço físico e a forma como é organizado interferem favorável ou desfavoravelmente, na aprendizagem.

Possibilitar, através de diferentes propostas, que os alunos iniciem um processo de mudança: de depositários para agentes de sua aprendizagem.

Possibilitar que o grupo tenha condições de manifestar suas opiniões e, minimamente, reconheçam possibilidades de superação em dificuldades que se apresentam.

Meus desejos e desafios, portanto, se focavam em três pontos:

1. no trabalho direto com os alunos e com as necessidades detectadas no período de observação: possibilitar que o grupo leia, escreva e produza com maior segurança e prazer, que vivencie um trabalho cooperativo e investigativo, que realize um trabalho com o uso de tecnologias.
2. na professora da turma: desacomodando-a e auxiliando-a a ter um diferente olhar sobre os alunos, a metodologia utilizada e seu papel na turma e, na escola.

3. na equipe diretiva: comprovando a eficácia de um trabalho com o uso de tecnologias e garantindo aos alunos da EJA a possibilidade de usar o laboratório de Informática, sempre que necessário.

4.2 O vôo inicial e uma trajetória de imagens

Com a percepção das inúmeras possibilidades que a tecnologia oferecia e, da mesma forma, todas as opções ofertadas pelo blog, senti necessidade de iniciar um registro fotográfico. Então, no segundo semestre da faculdade, adquiri um novo celular que me permitia fotografar o que quisesse.

Depois de algum tempo, já não bastava apenas tirar as fotos, comecei editá-las, brincar com as imagens, adicionar textos, molduras, mexer com o brilho e nitidez. Fiz uso de diferentes programas de edição de imagens.

Paralelamente, eu criara o blog Lucenorges, na escola em que trabalho e começara a registrar, através de texto e imagens, várias atividades realizadas.

De início, minhas colegas brincavam com o fato da escola ter um blog, riam quando me ouviam falar em "postar" e demonstravam sua confusão quando eu informava que deixara determinado arquivo no desktop: "desquioquê?"

Três anos mais tarde, em 2010, nosso blog é acompanhado por familiares, alunos e professores. Alunos postam recados e pais acompanham virtualmente, através das imagens, parte da rotina escolar de seus filhos.

Na biblioteca, minha antiga turma Ct3, além dos livros, utiliza o computador. Alguns alunos com maior habilidade digitam no blog, pequenas postagens, entram no blog de outras escolas, deixam recados, descobrem informações sobre seus cantores e grupos preferidos, navegam no google earth...

Em 2009, a equipe diretiva da escola entregou aos professores, não uma pasta ou agenda para o ano: recebemos um pendrive.

O fato de fotografar e filmar vários momentos, em sala de aula, me possibilitava, através da retomada do material, refletir sobre a minha prática, rever posturas e analisar os diferentes funcionamentos de meus alunos.

Com a máquina em sala de aula, qualifiquei minhas ações.

E então, um dia... percebi o olhar interessado de um de meus alunos, no momento em que eu fotografava um de seus colegas.Este aluno procurava o isolamento, demonstrava mau-humor e, por vezes, agressividade.

Quando fiz a pergunta não acreditava que ele me respondesse tão prontamente: "quer tirar uma foto?"

Este foi o início de uma bela aprendizagem e de um trabalho que norteou as ações de minha turma durante todo o ano de 2008.

4.3 Trabalhando pelas frestas

Durante toda a minha permanência nesta escola a escuta e observação foram meus principais aliados. Foram estes elementos que proporcionaram a

construção de vínculos de afeto e confiança que me possibilitaram analisar fatos e questioná-los quando necessário, perante a professora e direção.

A sala de Informática permanecia sempre trancada, no período da noite. Nas primeiras vezes que solicitei acesso tive a resposta de que em breve eu o teria, pois, ainda estavam organizando o ambiente que sofrera reformas no início do ano.

Desde o período de observação e durante todo o estágio utilizei uma máquina fotográfica digital e, também, um celular com câmera. Os alunos que manifestavam curiosidade eram convidados a manusearem as máquinas e fotografarem o ambiente, colegas e a si próprios.

Paulo Freire relata no livro *A Importância do ato de Ler*, situação vivenciada em uma comunidade pesqueira: trabalhava com um grupo de alunos alfabetizandos, a palavra *bonito,* nome de um peixe. Havia a representação, através de um desenho, do povoado com as casas, vegetação, barcos e um pescador. Quatro alunos observaram o desenho e, surpresos, foram até a janela conferir: "*É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos."* Ou seja, através da codificação "tomavam distância do seu mundo e o re-conheciam. [...] como se estivessem "emergindo" do seu mundo, "saindo dele, para melhor conhecê-lo". (1989, p.25)

Assim como os alunos da comunidade pesqueira, o grupo, através do registro das fotos e a observação das mesmas nas próprias máquinas, conversava sobre o que observava, fazia comentários, relembrava os momentos em que cada imagem foi captada. Como os outros alunos, tomavam um distanciamento para se aproximarem com maior clareza: emergiam para se conhecer.

Minha intenção era de que através deste inicial registro fotográfico, os alunos pudessem falar com tranqüilidade e realizassem trocas com os colegas. A cada atividade como esta eu comentava com os alunos de que em breve poderíamos visualizar as imagens nos computadores do laboratório.

Um dos alunos comentou que tinha um álbum de fotos de seu casamento e que poderia trazê-lo. Enquanto observávamos as fotos, ele nos relatava fatos de sua vida e de sua relação familiar. Tranqüila e serenamente...

Neste dia, o grupo ficou sabendo que outro colega desejava também casar, que uma das meninas sonhava em ter um namorado algum dia e que um deles sofria com a saudade da outra escola.

Folheando as páginas do álbum do aluno o grupo falava de si, de seus anseios, dúvidas e sonhos. Partilhavam, conversavam...

Um de meus objetivos, a cada momento como este, era “torná-lo visível” para a professora da turma: comentava com ela, refletia em voz alta e salientava todos os “ganhos”: os alunos se expressavam com maior prazer sobre assuntos de seus interesses, realizavam trocas com seus pares, trabalhavam a oralidade e, principalmente, viam sentido no que realizavam e, nós, professoras, conseguíamos conhecê-los melhor, estreitar vínculos, saber o que pensavam, gostavam, o que queriam.

Ana Maria Freire, ao participar do Seminário Nacional sobre Paulo Freire, em Porto Alegre, 2001, destacou que:

> [...] a tarefa dos professores [...] não pode, pois esgotar-se naquela prática sem intencionalidade... O professor tem que tomar, portanto, a sua prática de sala de aula como objeto de estudo para apropriar-se de “novos-que-saberes” e de “novos-que-fazeres”, molhados pelos afetos, submetendo-os aos critérios cientificamente aceitos como Verdade no momento histórico em que está se dando o processo educativo. (2001, p.16)

Com o tempo, outros álbuns foram trazidos. Álbuns de infância, adolescência, álbuns com fotos de avô que falecera, namoradas que se foram, lugares que não eram esquecidos.

A turma realizou o primeiro passeio ao redor da escola, identificando pontos comerciais, observando as pessoas (e cumprimentando muitas delas) e fotografando tudo. Com o interesse manifesto de uma das alunas em entrar em uma PET SHOP fomos até lá e os alunos conversaram com os funcionários, observaram os animais e materiais à venda.

No dia seguinte, realizaram um texto coletivo. Enquanto ditavam, eu escrevia no quadro e, por vezes, solicitava que alguns alunos me ajudassem na escrita.

Ao comentar com o grupo que conhecia outra turma de adolescentes (meus alunos na escola onde trabalho) que também tinham um Livrão de Fotos e Textos e, ainda mais, tinham um blog, alguns alunos manifestaram curiosidade. E, novamente, combinávamos de, assim que fôssemos ao Laboratório de Informática, olhar as fotos, o blog da outra turma, quem sabe até, montarmos um blog para a Turma EJA, nível II.

A impossibilidade de visualizarmos os caminhos percorridos no programa Google Maps ou, ainda, no Google Earth, fez com que fizesse cópias do trajeto e as

distribuísse para que os alunos fossem desafiados a encontrar ruas, a escola, pontos comerciais.

Pouco tempo depois, realizava com a turma a construção de uma maquete da escola e seus arredores. Esta atividade me permitiu observar como atuavam em uma proposta de trabalho em grupo, como descrevo em meu relatório de estágio:

"... notei que X [*]inclinou-se sobre uma ponta do papelão e fez o desenho das ruas em miniatura, apenas para si. Y, ao notar, perguntou se eles não iam fazer junto. Não recebeu resposta. Enquanto Y e W conversavam e buscavam meu auxílio, X procurava terminar o trabalho sozinho para rapidamente, como percebi nas observações anteriores, mostrar o resultado à professora e receber seu elogio. Entretanto, essa não era a proposta e relembrei que o importante era fazer junto, conversar. Neste momento, Y sugeriu virar o papelão para que fizessem "grande" todo mundo. X cruzou os braços e se recusou a participar. (...) O grupo de... ficou sentado conversando sobre outras coisas que julgavam mais significativas. Quando me aproximei disseram não saber como fazer. Através de perguntas consegui fazer com que relembrassem o trajeto que fizeram.. ... insistiam em saber se iríamos usar caderno de Português ou Matemática, na noite. O mais significativo, que considero, neste trabalho é poder verificar como possuem dificuldade em trabalhar de forma cooperativa, ouvindo e respeitando outras opiniões. Com alguns alunos, até o fato de opinarem, causava estranheza. Esperavam que eu indicasse o que fazer. " (GUTERRES, 2010)

Enquanto aguardava o dia em que a turma poderia utilizar a sala de Informática, ouvia alguns interessantes relatos:

> "… *a gente usou os computadores, no ano passado, para fazer umas pesquisas sobre o que estávamos vendo em sala de aula. [...] mas não gosto muito de ir lá...a cada coisa que aparece estragada, eles (direção) vinham falar pra gente (professoras da EJA I e II). "*
>
> *Professora da turma*

Além disso, uma das vice-diretoras comentara comigo que pensava em "desabilitar a internet", pois, dessa forma, os alunos não iriam *"pesquisar o que não deviam".*

Como resposta, lancei um desafio: assim que pudesse ter acesso ao laboratório, mostraria outras formas de qualificar os momentos com os alunos em tal

[*] Os nomes foram substituídos por letras.

espaço. A internet era muito necessária. Perguntei se tinha um blog e respondeu-me negativamente, mas com certa curiosidade.

Em sala de aula, as fotos registradas eram reveladas e organizadas em um Livrão da Turma.

As propostas de escrita de texto surgiam a partir da escolha, por cada aluno, de fotos de sua preferência. Desta forma, o desejo, o interesse e satisfação eram outros, carregados de diferentes e importantes significados.

Embora a porta mais desejada não fosse aberta, meu trabalho começava a se constituir de frestas oportunizadas pelo próprio pessoal da escola: poucos dias depois de assumir a turma de meu estágio fui solicitada para auxiliar uma professora que não conseguia “baixar as fotos” da máquina fotográfica, no computador de uma das salas. Ao manusear a máquina, facilmente, detectei o problema: as pilhas precisavam ser recarregadas para que a máquina voltasse a funcionar ou outras deveriam ser colocadas em seu lugar. Com espanto percebi que ações consideradas básicas em minha realidade, para algumas pessoas eram motivo de desconforto pelo desconhecimento.

Enquanto retirava as pilhas de minha máquina e as colocava na oura, mostrava como baixar as fotos na área de trabalho, criando uma pasta especifica para tal. Ao fotografar funcionários, professores, alunos e ambientes da escola indicava onde poderiam observar suas fotos: no laboratório de Informática. Comecei a ser chamada para registrar momentos especiais, na escola. Quando isso acontecia, solicitava que alguns dos alunos me auxiliassem fotografando por mim.

Aproximadamente dois meses depois de minha chegada na escola, a turma e eu conseguimos liberação para utilizar o espaço desejado e necessário.

Ao observar a ansiedade e curiosidade do grupo ao manusear os computadores, buscando meu auxílio a todo o momento, demonstrando receio em “fazer algo errado” pude constatar que, realmente, o grupo não tinha vivência neste espaço.

A presença da vice-diretora foi constante, durante muitos dias: trazia recomendações em relação ao uso da sala, dos computadores, salientando que somente os professores deveriam ligar e desligar as máquinas.

Esta recomendação foi contestada. Como usar o computador sem aprender o básico que é ligar e desligar? Novamente, esbarrava na questão do desejo de centralizar na figura do professor, deter o poder.

Ao argumentar eu salientava que, quanto mais usassem o computador em todas as suas possibilidades, saberiam cuidá-lo.

A análise desta situação nos mostra como o laboratório era considerado e o que era mais importante: não as relações e aprendizagens dos alunos, mas, principalmente, o patrimônio. O Laboratório e seus computadores era uma conquista. Portanto, preservá-lo era mais significativo.

Mas e a conquista que se refere à aprendizagem dos alunos? A possibilidade que encontram em realizar trocas, cooperarem, repararem erros?

Dias depois, irritado com a demora de acesso a uma página na Internet, um dos alunos batera no teclado do computador, falara palavrões e desligara o computador. Esta situação vista por outra professora como justificativa para que a sala não fosse usada, foi analisada de outra forma. Estava aí, a possibilidade de trabalhar a partir de um conflito. Não apenas eu conversara como aluno e o acalmara, mas parte do grupo de colegas também o fizera.

T uma das alunas retrucara: ao colega: *"tu não vê que bater no teclado não adianta? Todo mundo espera... só vai é quebrar... depois a gente não tem."*

> [...] cada aluno tem diferentes formas de apreender o mundo, de acordo com seu sistema de significação e de sua fase de desenvolvimento. O que significa para nós professores lidar com essas diferenças? Pode tornar-se uma maneira de desenvolver nossa habilidade de descentrar e flexibilizar – a ponto de acompanhar verdadeiramente as hipóteses de cada aluno e desafiá-lo, respeitando seu processo de construção de conhecimento.
>
> (Fagundes, Sato e Maçada, 1999)

Trabalhar com os argumentos dos alunos, com sua insatisfação perante a um fato limitante era uma grande possibilidade. Quando os participantes de determinado grupo confrontam diferentes pontos de vista há desenvolvimento e aprendizagem. Clarear isto para a direção se tornou necessário. E aqui, saliento o quanto as evidências e argumentações bem respaldadas fazem a diferença para o professor. A professora da turma se incomodava com cobranças em relação ao Laboratório, mas não conseguia argumentar como era importante a sua utilização.

O reconhecimento do espaço e adaptação ao mesmo levou algum tempo. E, novamente, outros conflitos surgiam. Entretanto, quando necessário, minha interferência se fazia de maneira rápida e clara em relação aos limites, como a transcrição de trecho de minhas observações sobre o estágio demonstra:

G estava impaciente com a demora dos computadores em carregar, socou o teclado três vezes, obrigando-me a chamar sua atenção com firmeza. Enquanto chamava eu dizia que não deixava de gostar dele, mas que mesmo com pessoas que a gente gosta, às vezes, precisamos discutir e dizer não. Então, se ele socasse o teclado outra vez, sairia do Laboratório e só voltaria quando achasse que tinha condições. (...) este fato , desencadeou a agitação de R.(aumentando as estereotipias: torcer as mãos, cruzar as pernas rapidamente, falar alto e compulsivamente) e de F. (que tenta esconder do grupo sua dificuldade no manejo do mouse),que reclamava em voz alta que o computador não funcionava e, ao mesmo tempo, recusava auxílio. O que sería um período, levou todo o restante da noite. A maior parte conseguiu escolher suas fotos e fazer a montagem. Alguns, quiseram tirar foto na hora, para o trabalho.

(GUTERRES, 2010)

O Laboratório possuía 15 computadores em funcionamento. Sete deles com o sistema Windows e o restante com Linux. No centro da sala havia uma mesa com vários outros computadores encaixotados.

À medida que os computadores foram sendo utilizados notei que todos que tinham o sistema operacional Linux disponibilizavam a visualização de vídeos. Já os que tinham Windows não possuíam o programa necessário para tal visualização (Flash Player). Em momentos em que o grupo desejava buscar vídeos no youtube ou postados no próprio blog havia a necessidade de usar apenas os computadores com Linux. Para instalação do programa nos outros computadores era necessário que se utilizasse a senha do administrador. Para minha surpresa, no turno da noite, ninguém da equipe diretiva sabia de tal senha, muito menos de sua necessidade. Quando questionada sobre o assunto uma das vice-diretoras respondeu: "*nem sei pra que isso... não precisamos de outra senha para usar os joguinhos...*"

A procura da pessoa que tinha a senha e que poderia facilitar o acesso à instalação de um programa necessário se tornou uma porta fechada por muito tempo... Enquanto isso, os alunos partilhavam as máquinas, trocavam de parceiros no Laboratório e auxiliavam aqueles que demonstravam maiores dificuldades.

F tinha relutância em realizar atividades envolvendo leitura, em sala de aula. Insistia muito em realizar cópias e mostrar sua "letra bonita". Em certos momentos chamava a si próprio de atrapalhado. Foi no Laboratório de Informática que percebeu que conseguia ajudar uma colega que não tinha motricidade suficiente

para usar o mouse. Ajudando-a, escrevia o que ditava e discutia, com a mesma, o que ficara registrado, realizando correções quando julgava necessário. Ao observar as dificuldades de outros e a tentativa dos mesmos em se aventurar, em buscar respostas, também ele, o fez. Tornou-se mais atento, perceptivo às necessidades do grupo e confiante em seus avanços.

Ao ser filmado por um dos colegas, fez questão de dar o seguinte depoimento:

"... fiz três anos de casado, ontem. Eu me esforcei... tenho apoio das professoras. Tô lendo e sei usar o computador. Eu trabalho. Escrevo no blog e ajudo a T, também. Tô gostando disso..."

No blog da turma, além de colocarem fotos editadas (com bandeiras de seus times) os alunos liam e escreviam diferentes comentários:

- OI, TURMA!
  ESTOU MUITO FELIZ COM O TRABALHO DE VOCÊS.
  UM BEIJÃO DA DIRETORA M.
- oi bia eu setu de saldades de ti
- quebom tu e nosta estagiara nuca vo esquece de ti um abraso do ... um bejo poque to fazendoiso poque anho quevem tu nhao estama s aqui
  tchau bia
- Oi pessoal!!! O blog de vocês está show!!! Amei!!! Ah, podem me colocar aí no time dos colorados!!! Mil beijocas, Profª V.

- OI QUE LEGAL QUE FINALMENTE CRIARAM O BLOG.SOU MÃE DA G. ELA JÁ VINHA A TEMPOS QUERENDO TER O BLOG DA TURMA.PARABÉNS AGORA VAMOS POSTAR MUITA COISA LEGAL AI NÉ?UM ABRAÇO. I.
- Meu amigo nota 1000! Quanta saudade! ... sei como tudo está indo na nova escola porque sempre pergunto por ti para a Bia, para a V. e para o P. Estou aguardando uma visita tua para podermos matar a saudade e conversar sobre os nossos assuntos favoritos (pagode é um deles). Fica bem legal aí, aprende muita coisa nova e, quando der, vem até o .. para nos ver. Muitos abraços da grande amiga N
- N, eu estou sentindo a falta de voce. F

4.4 Abrindo portas para “Viver a Vida”

Um dos assuntos muito comentados por alguns alunos se referia à novela “*Viver a Vida”*[5]*,* que trazia ao final de cada capítulo, vídeos enviados por telespectadores que, em poucos minutos, falavam de suas vidas, suas dificuldades e a forma como lidavam com as mesmas. Era, portanto, a cada dia, o relato de uma história de superação.

T, uma das alunas, portadora de paralisia cerebral, comentava algumas cenas onde a personagem Luciana demonstrava as dificuldades encontradas ao adaptar-se a uma cadeira de rodas. T tinha seus movimentos limitados e caminhava com muita dificuldade.

Após o final do último capítulo da novela, o músico João Carlos Martins relatou sua história a partir do momento em que, sendo considerado um dos maiores pianistas do mundo, perdeu o movimento de uma das mãos. Sua trajetória envolveu a tentativa de recuperar o movimento e a infelicidade ao perder, anos mais tarde o movimento de ambas as mãos. No momento em que sua carreira parecia próxima do fim, ressignificou sua vida estudando para tornar-se maestro e criando orquestras de jovens talentos. João Carlos Martins mudou a trajetória de sua vida, mas continua participando de projetos sociais, regendo suas orquestras e possibilitando que muitas outras mãos toquem muitas outras melodias.

Coloquei o vídeo deste depoimento no blog da turma e solicitei que assistissem. A partir deste momento, mais uma porta se abria, nesta turma.

Como relatei anteriormente, os alunos necessitavam falar, expor suas idéias, trazer desejos, sonhos, receios. Cada um a seu tempo, em diferentes e oportunos momentos. Quando conversávamos sobre esse vídeo, T relatou ao grupo parte de sua história, relembrando que os médicos diziam, após seu nascimento, que, certamente, ela nunca conseguiria andar:

“E eu sou como ele, o João Carlos... uma vencedora! Disseram que nem andar eu ia conseguir e olha eu aqui...”

---

[5] Novela de Manoel Carlos, da Rede Globo de Televisão.

A dificuldade de fala, de ser, por vezes compreendida, foi pequena diante do interesse, curiosidade e respeito do grupo. Respeito ao esperar que a colega concluísse sua fala, ao concordar com ela, ao sorrir e lhe dar os parabéns.

No dia seguinte, perguntei: *será que conseguiríamos fazer algum vídeo, também?*

Os primeiros vídeos foram filmados por mim. No segundo momento, a máquina digital e o celular circularam entre os alunos que se auxiliavam no manejo.

Transcrevo algumas falas:

- *Sou gremista, tenho gato e cachorro: Samanta e Garfield (...) Os dois são dourado e gremista... Eu lavo louça, seco a louça, arrumo a cama, tomo banho... só.*
- *Eu amo vocês! Amo a Bia, amo o C., amo a P....amo todo mundo! Vocês são a minha família e moram no meu coração.* (quase gritando). *Ninguém me tira daqui!(...) Eu amo vocês, todo mundo!!!*

A fala acima é de um aluno que se mantinha afastado do grupo, durante o período de observação. G talvez tenha sido personagem de uma das maiores mudanças realizadas durante meu período de estágio.

Para analisar este caso em particular, é necessário trazer um de meus relatos de estágio:

"A primeira vez que vi G, ele estava sentado bem no fundo da sala e mantinha uma postura de deboche e provocação com os colegas e com a professora. Fui alertada por ela que o aluno havia sido "expulso" do turno da tarde, após bater na professora. "Muito cuidado com ele, Bia... Nos primeiros dias observei que procurava implicar com uma das colegas falando que ela era feia, que o bicho papão ia pegá-la... Quando a menina reclamou à professora e esta chamou a atenção de G, ele retrucou com a cara mais séria possível: eu não falei que ele ia pegar ela, só disse que ele é meu amigo.

Quando a profe virou as costas e foi para o quadro, riu baixinho e cantarolou para a colega bicho papão, bicho papão. (Impossível não reconhecer sua perspicácia e humor...) Durante a observação, em um dos momentos que a professora saiu da sala, aproveitou para provocar novamente a colega. Quando esta veio buscar meu auxílio respondi que não desse tanta atenção ao que ele falava para ela. Continuei dizendo que, no fundo, G. era um cara legal. Mas que estava tão acostumado a fazer essas brincadeiras sem graça que as pessoas não conseguiam enxergar como ele era: gente boa.

Ele é mesmo, gente boa?

Claro que sim, só precisa de uma chance pra mostrar.

G ficou olhando e pareceu confuso, inicialmente.

Com o retorno da professora, todos voltaram a silenciar. Inclusive, eu. Mas ele ficara me observando o restante da aula. A isca fora lançada."

"O período agora, é outro: iniciei o estágio:

Poucos dias passaram e G já começa a demonstrar outra postura. Com a organização dos grupos, trouxe-o para mais perto de minha mesa. Comecei a elogiá-lo por suas conquistas e esforços

e até a pedir-lhe que ajudasse a colega B em uma atividade. Todos eles perceberam, desde a observação, que a máquina fotográfica e o registro são muito importantes para mim. G foi o primeiro a ser convidado a usar a minha máquina.

*A professora da turma observou, dia desses, que "G está bem melhor"***.** *Posso dizer que está mais controlado em relação a provocações, mais feliz por ser valorizado e mais confiante. Continua testando os limites, mas, geralmente, retrocede quando peço que "me auxilie", quando digo que ele não precisa ser como muita gente diz como ele é...mas sim, como ele se sente. E finalizo "como gente boa, legal, de bom coração, que sabe ajudar os outros".*

Penso que, se minha chegada na turma serviu para que a professora enxergasse outras e diferentes possibilidades em G, já estou no lucro. E eles, também. Tenho a clareza de que minha passagem pela turma é curta. Necessito, portanto, até a última semana auxiliar G e a professora a reconstruírem o vínculo: de desconfiança para confiança, de provocação para o bom-humor, de exclusão para aceitação. E, na medida em que consigo auxiliar, procuro ao mesmo tempo, não torná-lo tão dependente de minha presença. A "passagem" para a professora é necessária e saudável para ambos."

(GUTERRES, 2010)

Este aluno vivenciou intensamente todas as atividades trabalhadas na sala. Da euforia ao trazer sacolas com sucata para fazer maquetes com o grupo, da superação das dificuldades iniciais na sala de informática ao escrever suas primeiras frases no word, escrever nos comentários do blog da turma que adorava a mãe de um de seus melhores amigos , até a tranqüilidade adquirida ao manusear o computador e auxiliar colegas e professora.

A conversa entre ele e a regente da turma, ambos sentados em frente a um dos computadores demonstrou que, bem antes do encerramento de meu estágio, a relação entre eles mudara:

Professora : G...como é mesmo que vocês colocam imagem no blog?
G: Bahhhhh...tu não sabe ainda... Bia! A P. não sabe...
Eu: E tu, sabes?
G: Claro!!!
Eu: Hum, mas então...tu sabes como fazer com que ela aprenda?
P: Me ajuda...
G: Pra já...o que tu quer dizer?
P: Quero fazer um convite para virem na nossa Festa Junina.
G: (pegando o mouse) então a gente vai no Google e procura fotos de festa junina, depois coloca na pastinha amarela... (realiza todo o processo junto com a professora. Ambos constroem um texto)

TEXTO CONSTRUÍDO PELA PROFESSORA E PELO ALUNO

venha se divertir dia 3 julho na festa julina do visconde de Pelotas.Terá muitas atrações: pescaria ,boca do palhaço,cadeia e comidas típicas como : bolo de fubá, rapadura de amendoim, carapinha,pipoca,cachorro quente e quentão de suco de uva.

Quem mudou? O que mudou, na realidade? Mudou apenas o aluno? E, se o aluno mudou, o que fez com que isso acontecesse? Quantos "quem" e o "que" mudaram?

Em sua pesquisa de Mestrado, Elvira Tassoni (2000), analisa a relação professor-aluno buscando o enfoque da afetividade na aprendizagem, baseada nas teorias de Vygotsky e Wallon. Ao acompanhar situações de sala, constata que a relação entre o professor e seus alunos se dá, basicamente, através de comportamentos posturais e comportamentos verbais. A qualidade dos mesmos, segundo a autora, é de significativa importância pois:

> Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que, o que se faz, como se faz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. O comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente.

Mudaram as propostas e o tipo de intervenção com o aluno. As participações iniciais no laboratório de Informática trouxeram conflitos, incertezas e necessidade de investigar, descobrir. Mais tarde, o desejo de partilhar.

"Quem me ajuda aqui, hein?", "F. pode me ajudar a escrever um comentário?"
"Eu sei, deixa comigo. Faz assim, ó..."
"Eu gosto muito de mágicas. Vou achar um vídeo pra colocar no nosso blog... me ajuda a botar lá?"
"Acho que a gente tem que botar numa página de escrever primeiro..."
"Não, e gente tira as letrinhas aquelas (copia o endereço) e bota lá..".
"Bah...mas como a gente bota?"

“Eu lembro, ó...escrevi no caderno...”
“Então, lê aí...”

(diálogo colhido em sala de aula)

Uma questão importante a salientar é que, alguns alunos necessitam de medicação. Há dias em que estão tranqüilos e, em outros, possuem dificuldade para se concentrar. Reconhecer e entender as características do grupo que estão associadas a este fato é compreender que o tempo de cada é diferente. É dar tempo ao próprio tempo.

No artigo *Arquiteturas Pedagógicas para Educação a Distância: Concepções e Suporte Telemático, (Carvalho; Nevado et ali.,2005)* falam sobre o que chamam de Pedagogia da Incerteza: partem do pressuposto que o conhecimento nasce das dúvidas, incertezas e da necessidade de buscar respostas, das trocas realizadas neste processo.

Outro depoimento registrado em vídeo:

- Aí, camarada, meu brother!... Tenho uma namorada que eu amo muito!!!

  Eu sou um homem apaaaaixonado..quero casar, ler escrever...casar... Eu não quero filho, nem nada, só eu ela e deu! Ti quero!!! Se quiser casar comigo vem pra cá! (faz um gesto com a mão, chamando a namorada)

  Eu sinto paixão, por ela!!! E, finalmente,... é sexual! Gostou dessa, Bia? (todos os colegas do grupo começam a rir. Inclusive, eu)

Este depoimento difere em sua complexidade, dos demais. O aluno, ao falar para a câmera, saúda alguém que não é a professora que o filma. Demonstra ter clareza de que o vídeo será visto por mais pessoas. Dá uma informação para quem o assiste e, imediatamente, muda o foco ao falar diretamente com a namorada. Usa não somente a fala, mas gestos que enriquecem o convite: *“vem pra cá!”* Na seqüência, muda o foco novamente ao relatar o que sente por ela e procura surpreender os colegas e a professora ao fazer uma pausa e completar: *é sexual!* Encerra, se dirigindo a quem o filma*: “Gostou dessa, Bia?”*

JP, ao contrário dos colegas que se mostraram inicialmente inibidos, fala e manda recado. Em sala de aula, aos poucos, foi se mostrando um adolescente brincalhão . Ria, contava piadas e, por vezes trazia questões relacionadas à

sexualidade fazendo comentários sobre modelos vistas em revistas ou jornais: *mulherão! Gossssstosa!!!*

JP tinha muitas dificuldades na leitura e escrita e se recusava a receber ajuda dos colegas e professora. Preocupava-se em copiar com uma letra, considerada pelo grupo, “linda”. Mas pouco sabia do que fora registrado. A partir do momento em que propus atividades diferenciadas como passeio, trabalho com jornais, atividades de artes plásticas demonstrou confusão e insegurança: em várias ocasiões cobrou cópia de texto e exercícios, no caderno.

Foi no Laboratório de Informática que aceitou facilmente minha ajuda. Assim como os colegas, estava vivenciando o novo. Juntos, escrevemos um comentário em uma das postagens. Todos estavam aprendendo como postar.

Descobriu nas filmagens um novo prazer: fazia questão de ser filmado, de dar seu depoimento e falar sobre fatos de seu dia a dia. Ao ser filmado, JP deixava as brincadeiras para trás e falava do mais importante: de si. No laboratório, se observava nas filmagens e esperava que os colegas comentassem algo. Geralmente, sua desenvoltura “frente à máquina” era destacada. Nestes momentos, abria um sorriso e ficava em silêncio. Meses depois de iniciado meu estágio, comentava comigo: “*Sabe, Bia, sei que sou charmoso e esperto ,vou aprendendo...um pouco ali, aqui...devagar um pouco, né? Ah, mas vai, vai dar...”.*

Ao dar continuidade à proposta de filmagem, os alunos escolheram a diretora e o casal de motoristas das Vans escolares para serem entrevistados e filmados. Enquanto um dos alunos filmava, outros se dividiam com a máquina fotográfica, registrando as imagens. As fotos foram colocadas no blog da turma. Dois alunos comentaram, escrevendo no blog sobre a participação da diretora:

- boa noite pessoal bonita simpatica linda interligente trabalhar bondade cheiro gentil querida charmosa gremista amiga famosa felicidade de tritesa alegre amavel lindíssima
- oi muito inportante a conversa com a diretora

Alguns comentários escritos no blog da turma, pelos alunos:

- ASSISTIMOS NA SEXTA FEIRA O FILME O MEU NOME É RADIO NA SALA DE VIDEO . EU GOSTEI PORQUE ELE TINHA DIFICULDADE DE FALAR COM AS PESSOAS NO FILME ELE FOI PARA O COLEGIO COM AJUDA DO TECNICO DEPOIS ELE FICOU TECNICO DE FUTEBOL.SE VOCE NÃO ASSISTIO NÃO PERCA! T
- este video eu escolhi para voces daturma nivel 2 muito obrigado T.
- eu só gosto de mágicas de ilusionista eu vivo só coisto obrigado pesual uma br5aso do p
- Nos gostamos do karametade, musica pop, futebol, handebol, dançar funk, jogar video-game, mega driver. Eu jogo e penso na vida,.Eu gosto De Sonic, f e d B
- mãe me tira do castico beijos g

4.4.1 "Livre para navegar, indo para onde for..."

Peço por favor,
se alguém de longe me escutar
que venha aqui pra me buscar,
me leve para passear
no seu disco voador,
como um enorme carrossel
atravessando o azul do céu
até pousar no meu quintal

Arnaldo Antunes

Uma das questões fortemente vivenciada , durante o curso, foi a cooperação. Através de Skype, MSN, emails, partilhávamos informações, dicas, dávamos apoio uns aos outros e compartilhávamos nossas dúvidas. Novamente, ao ler os versos compostos por Arnaldo Antunes, penso que meus alunos estão ali retratados. Assim, como eu.

Mas também percebo que mais uma rede é desvelada musicalmente. O verso, "se alguém de longe me escutar" não

poderia indicar um chamado através de um dos recursos que a tecnologia nos oferece? Quantas vezes, durante o período de meu curso, fiz estes chamados? Quantas "pessoas de longe", encontrei? E quantos passeios fiz, virtualmente atravessando os limites físicos de meu quarto, minha rua, minha cidade, meu estado? E, sempre, retornando, transformada, ao meu quintal?

Em 2008, recebi um comentário em meu blog, de uma professora e pesquisadora de Pernambuco:

> olá Bia,
> esta é a primeira de muitas das visitas que ainda farei ao teu blog, descobri vc através dos comentários deixados no blog no professor Sérgio L., vi mais de um comentário seu, achei sua fala interessante e cheguei aqui, to terminando minha pesquisa de mestrado sobre blogs educativo-educacionais, mas, não quero parar de descobrir blogs legais por aí... rsss foi um prazer "conhece-la"aproveito p te desejar um 2009 excelente, cheinho de paz!!!
> abraço recifense, inté.

Esta professora, em 2009, dissertou sobre Blogs Educacionais em sua apresentação de mestrado. Um dos blogs analisados em sua pesquisa , foi o do professor Sérgio que, algumas vezes, já comentara em meu espaço. Através dele, alguns de meus comentários em seu blog, foram também analisados e anexados no trabalho da pesquisadora. A sensação de que, do quarto de minha casa, eu poderia estar contribuindo para um trabalho apresentado no outro extremo do país foi indescritível.

Hoje, ao entrar no blog da professora, enxergo um link para o meu blog. Ela me indica como leitura interessante e, faço o mesmo, recomendando-a. A rede cresce, se transforma e possibilita que o conceito de fronteiras seja ressignificado diariamente.

Em 2010, ao navegar pela Internet, descobri um vídeo postado por um Jornal de Pernambuco com a entrevista da professora, já minha conhecida. E, ao ouvi-la falar de sua pesquisa, novamente, a sensação de pertencimento se apresentou: eu era um dos sujeitos daquele trabalho. Imediatamente, "fui até Recife" pedir sua permissão para anexar a entrevista em meu blog:

Biapedag disse...

Oi, D.!
Olha só: encontrei um vídeo de uma entrevista tua. Posso colocar no meu blog? Posso? Posso? Posso? Já coloquei! Qualquer coisa "me chama queu escuto". Inté!

A resposta veio rapidamente:

massa bia, eh claro que pode... hahahaha, bjs viu?

Quarta-feira, Outubro 27, 2010 7:57:00 PM

Transcrevo parte de minha postagem sobre o assunto:

> *domingo, 24 de outubro de 2010*
> *Mas, olha só!!!*
> Como todas as colegas do curso, aqui estou eu às voltas com o TCC. E, para minha satisfação, encontrei este vídeo na rede. A professora entrevistada é DP, pernambucana, analista de sistemas, pesquisadora ...e paraquedista. Pois quando assisti D. falando de sua pesquisa senti como se estivesse falando de mim. E, um pouquinho, de certa forma, estava...

Quando iniciei esse vôo, há paginas distantes, fiz referência a uma das alunas de minha escola a quem chamei de Cora.

Entrelaço parte da história desta menina com as relações feitas entre o que descrevi anteriormente: através de uma rede social, em março deste ano, realizei convite para o prefeito da cidade visitar nossa escola durante evento chamado Semana Literária. Em poucos dias, recebi e-mail confirmando a visita. Através de e-mails trocados com o prefeito, pude explicar a importância de determinada aluna levar o convite até ele e ser recebida em seu Gabinete. Cora, a menina em questão, concretizou esta proposta confirmando que sua trajetória era de superação: quando chegara em nossa escola, não falava, demonstrava muito descontrole e agressividade.

Tempos depois, em setembro de 2010, representava toda a escola, ao ser recebida na Prefeitura, entregar o convite e participar tranquilamente de uma conversa com o prefeito. Cora estava radiante e ciente de que aquele era um de seus bons momentos. E, nós, professoras que a acompanhávamos, também.

A visita do prefeito e a repercussão em nossos alunos pode ser conferida no blog da escola, nos seguintes endereços:

http://lucenorges.blogspot.com/2010/09/o-sorriso-de-amanda.html

http://lucenorges.blogspot.com/2010/09/abertura-da-semana-literaria.html

Mas, também contei sobre uma trajetória de imagens, não foi?

4.5 Frestas, vãos e portas abertas

> "Alunos que, durante o período de observação, pouco se manifestavam, agora falam, falam alto e por vezes gritam com os colegas. A circulação no espaço é mais freqüente. Não considero as questões observadas negativas. Apenas devo refletir sobre elas. A questão dos gritos é firmemente tratada por mim: estamos em um espaço comum e devemos respeitar algumas regras. A mais importante diz respeito ao fato que, ao conversar com alguém não precisamos gritar para sermos melhor compreendidos."
>
> (GUTERRES, 2010)

Com a possibilidade de trocarem saberes, de se auxiliarem e perceberem que suas dificuldades são vividas por outros também, os alunos começaram a demonstrar maior confiança. Riam, falavam alto, alguns realizavam comentários guardados no silêncio, anteriormente: *"não gosto quando tu faz esse barulho com a boca. Me atrapalha."*; "*Bia, quem sabe a gente faz o jogo da forca e deixa pra fazer esse texto depois?"; " Não gosto de Matemática, sabe...eu não entendo o que é dezena..."; "Explica pra gente..."*

O "falar o que pensa" se tornou mais freqüente. Meu papel, nestes casos, foi o de mediar estas conversas, salientar a forma que poderiam ser realizadas: sem gritos, insultos, conversando. Cada vez mais se tornava claro as grandes possibilidades de aprendizagem surgidas em momentos de conflito.

Paulo Freire (1996, p. 47) salienta que o professor deve estar "*aberto a indagações, curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições..."*

A sala de aula se configurou de outra forma: com os alunos sentados em grupo. O armário da professora estava organizado de forma diferente, pois os alunos tinham acesso ao mesmo e aos materiais ali existentes.

Ao observarem, em suas casas, algumas entrevistas em noticiários alguns alunos trouxeram opiniões a respeito de reportagens e repórteres. Quando um dos alunos disse que seria um bom repórter e outro retrucou *"ah, não!!!",* uma das meninas lançou o desafio: *"ué, pega a máquina da Bia e entrevista"* Naquele momento, ofereci a máquina que estava sobre a mesa e perguntei: "*quem tu queres entrevistar?*" Transcrevo parte desta e de outras entrevistas que se sucederam a esta ocasião:

O aluno escolheu um colega e criou o ambiente, colocando duas cadeiras próximas ao quadro. Filmando, fazia as perguntas. O grupo observava atentamente.

<u>Primeira entrevista:</u>

F: Como é teu nome?
J: J!
F: Mora aonde?
J: Jardim Leopoldina.
F: Quantos anos tem?
J: 16
F:Trabalha aonde?
(o aluno fica pensando... ele não trabalha fora.)
J: Não sei!
F: Tu trabalha ou, não?
J: Trabaaaaalho...
F: Aonde, então???
J: Baltazar de Oliveira Garcia.

(o aluno se surpreende com a resposta. Ele sabe que o colega não trabalha e que o endereço dado é da casa do colega.)

J: Fala, F!
F: Aonde?
J: Na Baltazar. Eu compro coisas pra minha mãe. Minha mãe tá bem, meu pai também...

(a entrevista acaba e os colegas batem palmas. Começam a se organizar em duplas para fazerem o mesmo.) Na verdade, o aluno entrevistado fora muito coerente ao falar que trabalhava e dar o endereço de sua casa, Afinal, também trabalhamos em casa, não é?

As duplas seguintes trocaram de papéis possibilitando que o entrevistado, também, fosse entrevistador: Antes, conversamos sobre a primeira entrevista: se haviam gostado, se sugeriam alguma coisa. Um dos alunos salientou que seria importante cumprimentar o entrevistado antes de fazer as perguntas. Outro sugeriu que também agradecessem no final e dissessem como o William Bonner[6]: boa noite!

Segunda entrevista filmada:

D: Boa noite!
JP: Boa noite!
D: Que tu faz na igreja?
JP: Hã?
D: Que tu faz na igreja?
JP: Ah! Eu vou na igreja...perai... vou rezar por todos, pela namorada (...)
D: hum, hum...
JP: rezo pela namorada, ..
D: tu toca algum instrumento?
JP: Violão!
D: Na igreja?
JP: Terça e quinta eu toco na São Manoel (...)
D: ta bom, obrigado, JP.

Após esta entrevista, novamente conversamos:

Eu: E, aí, D? E, aí, JP? O que vocês acharam?
JP: Achei legal...
Eu: Por quê?
JP: Ahhhh...porque...
D: Eu gostei, Bia. Porque lembrei de agradecer no final, viu?
Eu: Ótimo! E o que mais?
JP: falei da namorada que eu amo...
Outro colega: do violão que tu toca...

[6] Âncora do Jornal Nacional, da Rede Globo

Outra: E se ele, antes dissesse o nome dele?

JP: Mas eu disse!

Outra: Não! Se o D. dissesse o nome dele?

Eu: Pra quem?

F: Pra todo mundo que vai ver! Ela ta querendo dizer que ele é o repórter, tem que dizer que ele é...

D: Bah... é mesmo. Da próxima eu faço assim...no início, né? Digo boa noite, meu nome...

Eu: Mas, uma coisinha... quer dizer que todas as entrevistas devem começar e terminar com boa noite?

Sim!

Não!

Eu: Sim ou não?

Aluno: Sim, é bom a gente cumprimentar... educado...

Eu: Ah... e a gente cumprimenta sempre do mesmo jeito, então.

Outro aluno: ah, pode ser “e, aí beleza” ou “boa noite, gente!”, ...

Aluna: ou, “oi, tudo bem?”

Eu: então...

Aluna: Eu acho, Bia, que cada um da gente, pode cumprimentar, sim. E se despedir, porque é educado. Mas cada um do seu jeito, né?”

Ao assistirem os vídeos, nos dias seguintes, mais idéias, sugestões e críticas. Os alunos argumentavam, elaboravam perguntas e procuravam, como um deles definiu, “caprichar nas respostas”.

O aluno D da transcrição acima tem muita dificuldade de fala. Esqueceu a inibição característica e se propôs a fazer outras filmagens. Além do vídeo, a filmagem foi, depois de algum tempo notada e analisada.

Olha, Bia, só aparece os pés... ele baixou a máquina”.;” Não podia”; “xiiii...”;” Eu vou te mostrar, ó.. se quiser, te ajudo..”

O trabalho com a máquina digital e com os vídeos potencializou a observação, análise e argumentação dos alunos. Ao oferecerem ajuda e sugestões vivenciavam a cooperação de forma tranqüila e prazerosa. A oralidade começou a

ser mais exigida e, por alguns alunos, “trabalhada” intencionalmente: *“peraí, filma de novo que eu vou falar melhor pra entenderem..”*

Mas, antes de tudo, os alunos falavam de si, de seus desejos, de suas rotinas, de suas vidas. A incerteza, ao perceberem perguntas difíceis de serem respondidas, os estimulava a avançar nas respostas e buscar soluções para o desafio proposto.

Um dos alunos, portador de autismo, falava rapidamente e de assuntos que, algumas vezes, pareciam não ter relação com o contexto. Ao ser filmado, na biblioteca, entretanto, mostrou o quanto acompanhara as conversas realizadas.

No início de seu depoimento, trouxe uma fala idêntica à âncora do Jornal Nacional. (demonstrando que compreendera e participara, mesmo no silêncio, da conversa onde seus colegas falavam de William Bonner.) Porém, conseguiu perceber qual o propósito do vídeo (falar de si e do que fizera) e retomou, de acordo com seu entendimento e com suas possibilidades:

FR: “*Boa noite! Está começando...”* ai! Desculpe! Tudo errado! (faz uma pausa) **A gente tava conversando sobre os livros...a gente...gravura, livro...a música é importante...**

Eu: Tu gostas de Música, FR?

FR: Gosto de Funk, pancadão, Caldeirão do Hulk... Muito obrigado e boa noite! Pode tirar! (indicando que a máquina fosse desligada**)**

Uma das alunas preferiu falar de como se sentia e partilhar um desejo, que antes “era segredo”:

Oi. Eu to gostando da aula... Só que eu to aprendendo BEM a Matemática! Eu to conseguindo! (sorri) **E eu tenho um sonho..** (aproxima o rosto da máquina, indicando cumplicidade ao falar em voz mais baixa) **tenho um sonho: de fazer a faculdade! De Pedagogia. Só...**

4.6 Os recados de Nathália[7]

Se o pensamento duvidar
Todos os meus poros vão dizer
Estou pronto para embarcar
Sem me preocupar e sem temer

(Contato Imediato de Arnaldo Antunes*)*

Nathália era uma das alunas da Turma EJA. Desde o momento em que o blog foi criado manifestou alegria pelo mesmo. Em casa, lia as postagens e solicitava que a mãe comentasse no espaço. Na sala de aula falava com prazer a respeito de suas conquistas no Laboratório de Informática. Sua dificuldade motora colaborava para que se sentisse insegura em alguns deslocamentos e, até mesmo na relação com os colegas. Entretanto, o bom humor e a grande curiosidade a acompanhavam. Todos os seus esforços eram no sentido de ser notada e querida pelo grupo. *"Sou querida, não é Bia?" , "Você é meu amigo, não é? "*

Em seu primeiro depoimento, falou do carinho que sentia por todos:

Meu nome é Nathália. Tenho 20 anos. Estudo na EJA, com meus colegas... Amo vocês!!! Amo a Professora B, a Professora P. É... amo todo mundo. Eu vi o depoimento do João Carlos Martins (o maestro). Eu gosto de ir na Informática. Bia! Sabe que eu adoro vocês? Amo todos vocês... Tenho meu irmão querido. Com certeza, ele vai ver esse vídeo. Tchaaaaaaauuu!

Participante, atenta, "falando até pelos cotovelos", curiosa, alegre, chorona em alguns momentos, perspicaz, dramática e solidária, torcedora fervorosa do Internacional. Assim era Nathália. No encerramento de meu estágio e início das férias escolares, ao saber que eu retornaria como voluntária da Escola vibrou muito. Na entrega de avaliações, orgulhosa e emocionada mostrava para a mãe sentada ao seu lado, as filmagens que realizara e apontava para as suas imagens nas fotos expostas pela sala.

[7] Este nome é fictício.

Após as férias, Nathália não voltou. Estava hospitalizada devido a uma pneumonia. Em nossa primeira entrada, após as férias, no Laboratório postamos um vídeo feito para a colega com mensagens de carinho e saudade:

Postagem no blog com recados escritos:

1. Nathi, querida!
Estamos com muitas saudades. Sabemos que estás precisando ficar mais um tempinho no hospital, para que retornes bem forte. Por isso, fizemos um vídeo pra ti. Achamos que, se não puderes ver agora, tua mãe vai conseguir e te contar. Muitos beijos! Tu és linda e nós gostamos muito de ti!!! Beijos da Profe P, da Bia e de todos os teus colegas!

2. Nós estamos rezando para você melhora e voltar logo. F, DB e R.

3. Nathi estou com muita saudade espero que volte logo. Beijos do T

Mensagens do vídeo:

1. Nathi, agente quer que tu volte. E que tu melhore.
2. Nathália! Sentindo saudade de ti. O Internacional tá ganhando de Campão Mundial. De 3x2!
3. Ai... (se esconde atrás de outro colega e não consegue falar)
4. Esse ano oooo.... Comé mesmo o nome dele? O Rafael! O Rafael vai fazer o gol mundial. Pode confiar! Beijo!
5. Nathi... (o mesmo aluno que não conseguira falar, anteriormente e que , por ser gremista, se recusava a falar no Internacional ...) Tô com saudades de ti. O Inter foi tri campeão.
6. Nathi...muita paz, saúde, muita alegria e harmonia.
7. Muita saúde e muita felicidade!
8. Nathi, estamos com saudades. Espero que te recuperes logo.
9. Nathi, um beijo!!! A gente está com muitas saudades.

O grupo encerra a mensagem cantando uma música em homenagem a Nathália e ao seu time do coração.

4.6.1 A partida de quem fica

Longe de mim
Solto no ar
Dentro do amor
Livre para navegar
Indo para onde for
O seu disco voador

(Contato Imediato de Arnaldo Antunes)

Nathália faleceu poucos dias depois da turma ter feito esse vídeo. Alunos e professores lamentaram sua partida: em silêncios eloquentes, através de choro, de conversas relembrando o que dizia, o que fazia, como era.

Infelizmente, por conta da fragilidade física de muitos alunos, a morte está presente em suas histórias. Alguns comentavam comigo e relembravam de outros colegas que "eram bem doentes" e não conseguiram sobreviver a inúmeras internações.

Arnaldo Antunes canta sobre a liberdade para "navegar", para seguir o seu disco voador. Pois eu acredito que nossa Nathalia não precisou de nenhuma nave: foi voando para o Céu, onde quer que ele esteja. .

G o gremista que falara o nome do time adversário para homenagear a colega, na saída da igreja, por ocasião da missa de sétimo dia, me abraçou e confidenciou ao meu ouvido: "Bia, eu sei onde a Nathi está... Está com o meu avô que eu amo tanto,...lá no céu".

"Então, G...ela está muito bem, muito bem."

T , agora a única menina da turma se aproximou e disse: "Eu acho que ela sempre vai estar conosco."

Concordo: Nathália partiu e ficou pra sempre...

OBS: A Família receberá de presente da Turma EJA, os vídeos depoimentos de Nathália.

5 ABRINDO PORTAS COM O OLHAR

> Quando o sujeito se defronta com uma fotografia sua, tem a possibilidade de se transportar para o olhar do outro no momento da foto. É na possibilidade de "descoberta" de novos "universos", de novos detalhes que queremos abrir "portas" para o auto - conhecimento. O auto - conhecimento traduz a tentativa de produção de novas formas de subjetivar, visto implicar, neste sentido, o acolhimento do olhar do Outro.
>
> (GOMES,1996)

Um de meus alunos que permanecia imerso em si aceitou o convite de fotografar.

Nos espaços em que, anteriormente, se recusava a entrar começou a permanecer com o propósito de registrar fotograficamente o que acontecia. Marcelo[8] direcionava o foco da máquina ao que considerava significativo. Ao olhar as fotos já reveladas, analisava silenciosamente e nos possibilitava que o conhecessemos mais um pouco, que fortalecêssemos e estreitássemos os vínculos com ele.

Os colegas da turma também se interessaram pela máquina e pelas imagens captadas. O fotografar tornou-se rotina, na sala. E o observar o que fora registrado, também.

Ao se olharem os alunos demonstravam diferentes reações mas nos possibilitavam uma aproximação maior. Marcelo, muitas vezes se recusava a conversar com seus pares ou professoras mas sentava com os mesmos para olhar as fotos registradas pelo grupo.

[8] Nome fictício

E, algumas vezes, fazia comentários relembrando os momentos eternizados pelas imagens.

Antes do encerramento do ano letivo, fomos até a Faculdade de Biblioteconomia (FABICO) e, no Departamento de Fotografia participamos de uma oficina de Fotograma. Neste mesmo ano, um dos alunos manifestou a curiosidade em conhecer o lugar onde sua professora estudava. Alvorada era, não só o Pólo da Pedagogia Ead, da UFRGS mas, também, a cidade onde o tio de um dos alunos morava. Este aluno repetia várias vezes: "Alvorada, Bia! Alvorada!"

Então, fomos à Alvorada, conhecemos o Pólo e parte da cidade onde morava aquele tio. Todos os momentos possíveis foram captados pelos alunos da turma. Foi o ano de 2009.

Mas agora, estamos em 2010...

Meus alunos do estágio, através de visita ao blog de minha escola, conheceram outros alunos, outras professoras, outro espaço educativo. Neste ano, foram visitar a escola em que trabalho e conhecer algumas pessoas. Através do blog de ambas as escolas mantiveram contato. Em outubro deste ano, todos se encontraram em um baile realizado no Clube Caixeiros Viajantes.

Enquanto eu abraçava alguns alunos e posava para fotos que outros tiravam, uma das jovens me perguntava "aquele lá dançando é teu aluno, também? Da outra escola?" Ao receber a resposta afirmativa me indicava : "Me apresenta ele, me apresenta ele..."

A rede aumentava...

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que você me lê, alguém se conecta a uma rede, busca informações, coopera com outros usuários, escreve, lê, investiga e, certamente, através destes movimentos, possibilita que a rede se transforme, se multiplique e alcance mais pessoas, ainda.

A análise de fatos ocorridos durante o estágio curricular traz à tona algumas questões que se entrelaçam e se multiplicam.

Que tipo de acolhimento recebem os alunos com necessidades educativas especiais ao serem incluídos na rede regular de ensino? Como as escolas se preparam para a Inclusão?

Relembro que uma das alunas, com graves problemas de locomoção necessitava subir a escadaria da escola para ir até a sala. A justificativa para tal fato era que a escola solicitava, há anos, verbas para construção de um elevador. Caso a aluna não tivesse de subir a escada, a solicitação seria desconsiderada. Após meus questionamentos e insistência, finalmente, a turma foi transferida para o térreo. A emoção da aluna ao, chorando, agradecer a mudança, surpreendeu algumas pessoas da escola.

O que impossibilita que pessoas da Educação enxerguem o sofrimento de uma aluna? A sua dor? Como nos tornamos tão insensíveis ao sofrimento do outro? E como, agindo desta forma, queremos que nossos alunos sejam solidários?

A segunda questão, entrelaçada com a anterior, está relacionada à formação permanente do professor. Para que ele se permita possibilitar o aluno a "aprender a aprender" é necessário que acredite. E mude.

Acompanhei momentos em que a professora da turma, entusiasmada com as atividades, com o blog, chamava pessoas da Direção para mostrar "o que os alunos estavam fazendo". Como criança ao conquistar um brinquedo desejado, demonstrava satisfação ao, junto com os alunos, realizar postagens, editar fotos,

investigar *assuntos de seu interesse* no Google. Entretanto, não podemos deixar de salientar que estamos em diferente patamar, o que nos exige um olhar mais crítico e voltado para o nosso aluno. *Necessitamos, sim, mudar*. E esta mudança está relacionada com um deslocamento de foco: é preciso compreender que o professor não detém o saber, nem o poder. O saber é democr*ático*: todos podem usufruí-lo. Não somos o centro da aprendizagem, mas com certeza, dela fazemos parte. É na relação com o outro que construímos o conhecimento. E compr*eende*r esta afirmação implica em *demonstrar que não se sabe tudo, demonstrar que continuamos aprendendo e* demonstrar que sabemos que o mais importante não é uma lista de conteúdos, mas todo o processo investigativo vivenciado por alunos e professor.

O que vivenciei em meu estágio *é fruto de mudanças ocorridas ao longo de minha vida e, especialmente, de mudanças a partir de meu* ingresso no curso de Pedagogia EAD, da UFRGS.

Ao respeitar o tempo de cada aluno, ao desafiá-los, questioná-los e incentivá-los a perguntar, investigar, buscar a sua própria superação eu revivia o que também me fora oferecido. Acredito *que o uso das tecnologias, especialmente, do computador, do blog, da máquina fotográfica* no registro de fotos e de vídeos possibilitou que esta turma se enxergasse, que pudesse conversar, emitir opiniões, buscar evidências que justificassem seus argumentos.

Enxerguei ao final do estágio alunos bem mais confiantes, sem receio de emitirem opiniões e discor*dar*em de adultos considerados “autoridade”, alunos que escreviam mais e reformulavam com prazer e interesse suas próprias hipóteses.

Enxerguei uma professora regente de turma, com novos olhares e desejos para seu trabalho com seus alunos. Enxerguei o receio e incerteza em seus olhos ao dizer que precisava mudar, mas não sabia bem como. A incerteza indica crescimento. Enxerguei minhas incertezas e acalentei minhas dúvidas. Mas, busquei mudar.

Percebi a necessidade *de continuar* por mais um tempo com o grupo. Por isso, tornei-me voluntária da Escola após meu estágio. Continuo, agora sob

outro ângulo, acompanhando a aprendizagem de alunos, professora da turma e, especialmente a minha.

No momento em que você encerra a leitura deste trabalho, alguém encerra sua passagem nesta vida, al*guém nasce, alguém recusa, outro alguém aceita, alguém percebe, enxerga*, compartilha, inova, relembra... alguém muda, alguém sai da incerteza, alguém retorna...

Agora, junto comigo, feche os olhos e imagine todos esses “alguéns”, em lugares diferentes e *distantes do* planeta, abrindo os braços e, por eles, trocando saberes. Você e eu, juntos, criamos uma rede e, pe*rc*eba, nem estamos próximos. *Mas de alguma forma, estamos conectados, não é?*

7 REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fabio. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência**. In Revista do Ministério Público do Trabalho, Ano XI, n.º 21, março, 2001, pp. 160-173

CASTELLAR, Sônia. **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. Sônia Castellar (organizadora), 2º edição. São Paulo. Contexto.

_____ - **Noção de Espaço e Representação Cartográfica: ensino de Geografia nas Séries Iniciais**. São Paulo. Departamento de Geografia. Tese de Doutorado, 1996.

COMERLATO. Denise Maria. Dimensões Teórico Metodológicas na prática educativa com adultos trabalhadores. In: _____:GUSTAVO, Sita Mara Sant'Anna (Orgs). **Aprendendo com Jovens e Adultos: revista do programa de Ensino Fundamental para Jovens e Adultos Trabalhadores**. Nº0. Porto Alegre: UFRGS, Pró Reitoria de Recursos Humanos, FACED, 1998.

CADERNO PEDAGÓGICO 2. Semana Pedagógica Paulo Freire. Porto Alegre: CORAG, 2001.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA SOBRE OS PRINCÍPIOS, POLÍTICAS e PRÁTICAS NA ÁREA DAS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. Espanha. 1994.
Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf: Acesso em 24.10.2010

FAGUNDES, L. C. et alli. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Cadernos Informática para a Mudança em Educação. MEC/ SEED/ ProInfo, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância Do Ato de Ler: em três artigos que se completam** – São Paulo: Cortez, 1989.

_____ - **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ - **Pedagogia do Oprimido** - 34ª Edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GALVÃO FILHO, Teófilo. **Educação Especial e Novas Tecnologias: O Aluno Construindo Sua Autonomia.** Revista INTEGRAÇÃO, do MEC (Secretaria de Educação Especial - SEESP/MEC), Brasília, ano 13, n. 23 / 2001, p. 24-28 Disponível em: www.galvaofilho.net/autonomia.htm
Acesso em : 23.10.10

GOMES, Patrícia. **Da escrita à Imagem, da Fotografia à Subjetividade: ensaios fotográficos no contexto da reestruturação bancária**.
Disponível em: http://www.psico.ufrgs.br/psico/fotografia.html
Acesso em: 30.10.2010

GUTERRES, Maria Beatriz Santos. **Wiki do Estágio Curricular do Curso de Pedagogia modalidade EAD**, UFRGS, 2010 .
Disponível em: http://mbiaguterresestagio.pbworks.com
Acesso em 19.11.2010

MAGDALENA, Beatriz Corso; COSTA, Íris Elisabeth Tempel. **Internet em sala de aula:** com a palavra, os professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Raízes históricas da educação inclusiva**. Trabalho apresentado em agosto de 2001, durante os Seminários Avançados sobre Educação Inclusiva, ocorrido na UNESP de Marília. (mimeo)

MORAES, Maria Cândida. (org.). **Educação a Distância: fundamentos e práticas**. Campinas, SP. UNICAMP/NIED,2002.

NEVADO, Rosane Aragón de. **Espaços Interativos de Construção de Possíveis: uma nova modalidade de formação de Professores.** Porto Alegre: Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem** - XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu (1999).

PESSOA, Diana Maria Farias. **Blogs educacionais: uma caracterização a partir da etnografia virtual** / Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.

TASSONI. Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Texto baseado na pesquisa de mestrado realizada pela autora. Anuário do GT de Psicologia da Educação. ANPED, set. 2000.
Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2019t.PDF
Acesso em: 24.10.10